



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS-DEPARTAMENTO DE LETRAS**

JOSEFA MARIA DA SILVA

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

**GUARABIRA – PB
2015**

JOSEFA MARIA DA SILVA

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, campus III Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Edilma de Lucena Catanduba

**GUARABIRA-PB
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586e Silva, Josefa Maria da

Ensino de leitura e escrita [manuscrito] : desafios e possibilidades / Josefa Maria da Silva. – Guarabira: UEPB, 2015.
20 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) Universidade Estadual da Paraíba.
Orientação Prof^a. Edilma Lucena Catanduba, Departamento de Letras.

1. Leitura. 2. Ensino. 3. Estágio supervisionado. I. Título.

22. ed. CDD 028

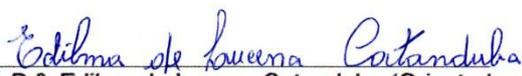
JOSEFA MARIA DA SILVA

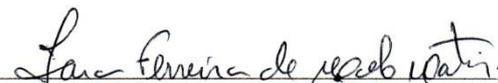
ENSINO DE LEITURA E ESCRITA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

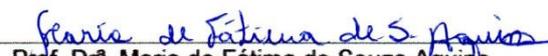
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, campus III Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa.

Aprovada em: 23/11/2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr^a. Edilma de Lucena Catanduba (Orientadora)


Prof. Dr^a. Lara Ferreira de Melo Martins
Examinadora


Prof. Dr^a. Maria de Fátima de Souza Aquino
Examinadora

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Josefa Maria da Silva

RESUMO

O ensino da leitura é o veículo básico e essencial para a inserção do indivíduo no universo letrado e por isso deve se desenvolver por meio da interação prazerosa do leitor com o texto. Este artigo tem como principais objetivos compreender como o ensino da leitura pode auxiliar na formação do pensamento crítico, refletir sobre as práticas de leitura entre os alunos do primeiro ano do ensino médio. Para isso, foram observada dez horas aulas de leitura, durante o período do estágio supervisionado II, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, situada na cidade de Guarabira. Fundamentamos nosso estudo nas teorias e pesquisas de Kleiman (1999), Koch (2012), Antunes (2003), Martins (2006), entre outros. A metodologia utilizada na pesquisa consta de observação de aulas para a coleta do *corpus* e análise crítica das aulas observadas. Através dessa pesquisa pude constatar práticas de leitura totalmente mecânicas, que não estimulam o aluno a ser um leitor reflexivo e crítico. Este artigo nos leva a fazer uma reflexão sobre o papel da leitura no nosso cotidiano e como o professor pode incentivar os seus alunos ao hábito da leitura.

Palavras-chave: Leitura 1. Ensino 2. Estágio Supervisionado 3.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, intitulado “Leitura: desafios e possibilidades para a formação de leitores críticos” discorreremos sobre o ensino de leitura no nível médio. Objetivamos através dessa pesquisa, compreender como a leitura pode auxiliar na formação do pensamento crítico, refletir sobre as práticas de leitura entre os alunos do Ensino Médio da escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, e colaborar para a formação de alunos críticos. O tema é de grande valor para todos que estão inseridos no processo de ensino e aprendizagem da linguagem.

A motivação para a realização desta pesquisa partiu das aulas observadas no período de estágio de observação no ensino médio. O estágio tem um significado muito importante no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do acadêmico. É através dele que o docente tem um contato imediato com o ambiente que envolve o cotidiano de um educador.

Um dos objetivos do estágio supervisionado é desenvolver, nos alunos de licenciatura, um olhar crítico e transformador em relação às práticas educacionais. Portanto, o estágio supervisionado auxilia diretamente no processo de formação dos educadores. Através do mesmo, o estudante vivenciará o que tem aprendido na universidade. Passa a perceber como os conteúdos aprendidos na universidade podem ser úteis na prática e como podem ajudar a eliminar as falhas existentes. Pimenta e Lima (2011, p.102) enfocam que o Estágio, na formação do professor:

(...) tem por objetivo preparar o estagiário para a realização de atividades nas escolas, com os professores nas salas de aula, bem como para o exercício de análise, avaliação e crítica que possibilite a proposição de projetos de intervenção a partir dos desafios e dificuldades que a rotina do estágio nas escolas revela.

No período do estágio, pudemos constatar dificuldade de leitura muito grande entre os alunos do 1º ano do Ensino Médio na escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, situada na cidade de Guarabira, e um grande desinteresse dos alunos e até mesmo do docente pela leitura. A constatação dessa dificuldade motivou o desejo de investigar as principais causas dos alunos chegarem ao ensino médio sem saber ler e compreender textos. Mesmo em se tratando de textos simples, os alunos do primeiro ano do ensino médio não conseguiam participar ativamente do processo de leitura enquanto leitores críticos. Mesmo quando a professora solicitava para que os alunos lessem em sala de aula, eles se recusavam, demonstrando pouco interesse em relação à leitura.

A metodologia utilizada na pesquisa consta de observação de aulas para a coleta do *corpus* e análise crítica das aulas observadas, durante o estágio supervisionado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, situada na cidade de Guarabira.

Observamos a prática do ensino de leitura na turma do 1º ano do Ensino Médio, no turno da tarde, do dia 18 de fevereiro de 2014 ao dia 06 de junho de 2014.

Foram observadas 10 horas aulas. As análises das aulas estão fundamentadas em estudos teóricos de autores como: Kleiman (1999), Koch (2012), Antunes (2003), Martins (2006), entre outros.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos um breve percurso sobre as concepções de leitura que subjazem às práticas docentes de ensino de leitura. Na segunda parte, focalizamos a sala de aula, buscando compreender como ocorre o ensino da leitura e da escrita. Na terceira parte, descrevemos as aulas observadas e realizamos a análise das mesmas. Em seguida, tecemos as considerações finais.

2 CONCEPÇÕES DE LEITURA

A leitura é, antes de mais nada, um fenômeno de linguagem. Por essa razão, para compreender as concepções de leitura, é necessário entender as concepções de linguagem que a elas subjazem.

A primeira concepção de linguagem considera a língua como representação do pensamento. Essa concepção pressupõe que se as pessoas não se expressam bem é porque não sabem elaborar o pensamento.

Compreender a língua como representação do pensamento implica compreender o texto como uma representação mental do pensamento. Nesta perspectiva, a leitura é “a atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor” Koch e Elias (2012, p.10). Assim, o foco principal está no autor e não no leitor.

Na segunda concepção de linguagem, a língua é compreendida como instrumento de comunicação, a língua “é vista como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor” (Travaglia, 2005, p. 22). Podemos dizer que essa perspectiva está ligada aos elementos comunicativos, através dos quais o falante deseja transmitir uma mensagem a um ouvinte. Ou seja, o falante utiliza as estruturas linguísticas que conhece para expressar o pensamento.

O ouvinte decodifica os sinais codificados por ele e transforma-os em nova mensagem. Nessa perspectiva, a leitura é compreendida, segundo Koch e Elias

(2012, p.10) como “uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no dito””.

Na terceira concepção, a língua é compreendida como forma de interação. Conforme Travaglia (2005, p. 23),

Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor).

Conforme o autor, a língua atua como forma ou processo de interação social, ou seja, a língua serve para a interação humana. Quando utilizamos a linguagem, estamos interagindo, atuando sobre o outro, influenciando-o e também sendo influenciados. É na interação texto-leitor que são construídos sentidos para o texto. Para Koch e Elias (2012, p.11),

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos. (...) a leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor; a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.

Nesse artigo, consideramos que ao realizarmos determinada leitura, estamos dialogando não só com o escritor, mas também com outros textos já lidos, ou seja, quando lemos, colocamos em ação os nossos próprios conceitos e conhecimentos. Também consideramos que diferente das duas primeiras concepções, a compreensão da língua como forma de interação permite que o leitor diante de um texto possa interagir com o autor e que seja capaz de expor suas experiências e seus conhecimentos em relação ao texto, expondo suas próprias opiniões e interagindo com outras pessoas.

Em relação à escrita Koch e Elias (2009, p.34) comentam que:

Existe, porém, uma concepção segundo a qual a escrita é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. Isso significa dizer que o produtor, de forma não linear, “pensa” no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional.

Como podemos compreender, nessa concepção, o leitor participa da construção do texto, ou seja, o autor pensa no que vai escrever de acordo com suas intenções comunicativas, porém, pensa antes no seu leitor. Tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como atores construtores. Os autores sentem-se à vontade para expor seus pensamentos e interagir cognitivamente com outros leitores.

É fundamental que os docentes conheçam essas três concepções de linguagem, pois, assim, eles saberão encaminhar um ensino de qualidade em relação a nossa língua materna. Relacionando a postura da docente com as definições de concepções de linguagem que explicamos no início, percebemos que as aulas de leituras observadas, estão fundamentadas na concepção de língua como instrumento de comunicação, essa concepção é usada para dar informações, os aspectos formais e estruturais da língua é que são evidenciados e o professor coloca-se como o único intérprete.

Muitos professores resistem a mudanças e como podemos observar ainda ocorrem práticas pedagógicas ligadas às velhas concepções de linguagem, que não permitem que o discente seja capaz de dialogar com o texto. Acreditamos que as aulas de leitura e escrita seriam mais produtivas se os docentes pudessem adotar em suas aulas de leitura a concepção de linguagem como forma de interação, pois através dessa concepção o leitor pode expor suas opiniões e dialogar com outras pessoas.

3 O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA: DESAFIOS PARA A ESCOLA

Ensinar os alunos a lerem e escreverem é uma das principais tarefas da escola. A leitura e a escrita são fundamentais para o aprendizado de todas as disciplinas escolares, por isso, é essencial que o aluno desenvolva mais e mais sua capacidade de ler e escrever. A escola é o lugar ideal para o incentivo ao hábito da leitura. Segundo Souza, Corti e Mendonça (2012, p.59):

Quando o assunto é ler e escrever, a escola ocupa um lugar especial. Afinal, é nela que a maior parte das pessoas se alfabetiza e passa a refletir sistematicamente sobre a escrita. Ler e escrever mostra-se essencial para alguém tornar-se um estudante e prosseguir aprendendo, dentro e fora dos muros escolares.

Por isso, é fundamental que o professor esteja sempre estimulando o aluno a ler e escrever. É interessante que, quando o docente for trabalhar com textos, ele tente aproximar o texto da realidade social dos alunos e que os alunos possam desenvolver a capacidade de ler e escrever como forma de auto-expressão. Um dos maiores desafios que a escola enfrenta hoje é ensinar o aluno a ler e escrever corretamente. Porém, a escola não tem tido sucesso nesse enfrentamento. Um dos principais problemas do ensino da leitura decorre do fato de que muitas escolas continuam usando uma concepção equivocada de linguagem de texto e de leitura, não incentivando o aluno a ser um leitor ativo. Segundo Koch e Elias (2009, p.31),

(...) a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhetes, e-mail, listas de compras, etc., etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia.

Ler e escrever são dois acontecimentos importantes nas nossas vidas. A leitura é essencial para que possamos ter acesso às informações veiculadas das mais diversas maneiras: nos jornais, livros, na Internet, na televisão, etc. A escrita, por sua vez, é exigida para que possamos produzir textos, escrever e-mails, bate papos nas redes sociais, etc. Sendo assim, ler e escrever são duas realidades inseparáveis. Antunes (2003, p.66) afirma que: “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor”.

A escola tem como objetivo incentivar e estimular os alunos para a prática da leitura e escrita. Pois é um ambiente no qual o aluno passa seu maior tempo, e dessa forma, cabe ao professor, despertar o aluno para a leitura de forma prazerosa, de modo que, ele possa interagir no mundo da leitura. A prática de leitura é um processo de descoberta, atribuição de sentidos e de significados, os quais deverão ser construídos, socialmente, o que implica estabelecer um diálogo com o texto, com o autor e também com os outros leitores.

É importante salientar que um ensino de leitura mal aplicado pode causar danos ao processo de interação entre aluno e leitura. Sabemos que a leitura é parte fundamental para aprendizagem do aluno e do ser humano. Assim, cabe à escola, proporcionar aos alunos oportunidades para empregar o ensino da leitura concebida como interação, necessária para a construção de novos conhecimentos. No entanto,

os próprios docentes encontram obstáculos para estimular os alunos à leitura. Segundo Lajolo, (2008, p.07), "ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por ai, na chamada escola da vida".

Para a autora, cada leitor, a partir de sua realidade, vê o mundo de forma diferente, levando para o texto as experiências de seu cotidiano, ou seja, se ele não convive em um ambiente adequado onde possa ser influenciado a ler, sua resposta aos estímulos de leitura de textos escritos poderá ser mais tímida em relação aos que convivem em um ambiente em que a leitura destes textos é praticada com mais frequência.

Durante o estágio de observação de aulas, pude constatar práticas de leitura totalmente mecânicas, que não estimulam o aluno a ser um leitor reflexivo e crítico. De acordo com Bortoni-Ricardo et all. (2012, p.41),

No ensino da leitura, um propósito didático muito importante deve fazer parte das reflexões do professor: a leitura como uma prática social, cujo objetivo é levar os alunos a utiliza essa habilidade para a vida. Tal postura leva o professor a articular os propósitos escolares e sociais da leitura.

Não cabe mais nas escolas, em pleno século XXI, os docentes fazerem uso de uma prática de leitura sem orientação. A leitura deve ser vista como uma habilidade que possa permitir aos indivíduos um leque de aberturas para o convívio social. Porém, o que podemos comprovar é que a maioria dos docentes utiliza a leitura de maneira inadequada.

É necessário perceber a leitura como um objeto de discussão cujo objetivo é levar o aluno a ser um leitor ativo e crítico. Mas, para que o aluno se torne um leitor crítico é importante a colaboração do professor. Cabe ao docente estimular os discentes para utilizarem a leitura como instrumento útil em suas vidas. O professor precisa ser um leitor ativo e é importante que ele promova atividades capazes de ajudar no desenvolvimento da leitura. Segundo os PCN (2001, p.71),

O professor deve organizar momentos de leitura livre em que também ele próprio leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro.

Conforme o exposto é necessário que o docente estimule a capacidade de leitura do aluno, que ele privilegie momentos como esses citados acima, para que o aluno sinta-se cada vez mais estimulado à prática da leitura, e que através desses momentos, eles possam interagir uns com os outros e com textos. É de grande valor que a escola se preocupe em formar alunos leitores críticos.

Os discentes que não são proficientes na leitura, conseqüentemente, não saberão escrever corretamente e terão um rendimento menor nas outras disciplinas, pois sabemos que cada disciplina está interligada uma com a outra. A falta de leitura pode gerar danos para a sua aprendizagem nas outras disciplinas. De acordo Antunes (2003, p.20),

Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, "deixa" a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta.

A leitura é o marco inicial do processo de ensino e aprendizagem. É necessário que o discente tenha uma boa aprendizagem de leitura na sua formação inicial para que ao chegar ao ensino médio não tenha dificuldades com a mesma. Os PCN (2001, p.31) propõem que:

[...] a tarefa de formar leitores e usuários competentes da escrita não se restringe, portanto, à área de Língua portuguesa, já que todo professor depende da linguagem para desenvolver os aspectos conceituais de sua disciplina.

Conforme os PCN é de suma importância a participação de todos os docentes, independentemente de sua área, no processo do ensino da leitura. Cabe ao professor a utilização de metodologias de leitura para cada disciplina, que possam fazer com que o aluno sinta prazer em ler os conteúdos. Se o aluno não sabe ler corretamente, a sociedade culpa o professor de língua portuguesa por esse fato. Os PCN esclarecem que a responsabilidade não é só do professor de Língua portuguesa, mas de todos os docentes que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem.

A maioria das escolas, cada vez mais, está formando alunos incapazes de compreender o que leem. De acordo com Bortoni-Ricardo et al. (2012, p.113), "Os sistemas nacionais de avaliação têm revelado que, ao concluírem o ensino médio,

os estudantes ainda apresentam sérias dificuldades no que se refere às habilidades de leitura e de produção escrita”. De acordo com os autores, os estudantes do ensino médio não conseguiram superar as deficiências de leitura e escrita, e essa deficiência vem desde as series iniciais.

O ensino de leitura bem aplicado em sala de aula contribui de forma significativa na aprendizagem do aluno. Muitos docentes deixam explícito seu desinteresse pela leitura e isso, de certa forma, desestimula os alunos à prática de leitura. Cabe ao professor incentivar os alunos a desenvolver o gosto pela leitura, apresentando para os alunos vários livros, e proporcionando uma aula de leitura agradável.

É preciso que os professores, nos anos iniciais, incentivem seus alunos ao hábito da leitura, é fundamental que os docentes trabalhem diversos tipos de textos, como: contos, fábulas, histórias em quadrinhos, etc. Porém muitos professores nos anos iniciais não trabalham a leitura, apenas a decodificação de palavras. Sabemos que a leitura é um elemento fundamental no processo de aprendizagem do aluno. Assim, é preciso que os docentes formem leitores competentes, que saibam compreender e interpretar o que estão lendo.

A prática de leitura nas escolas consiste em uma atividade de leitura extremamente tradicional. Conforme Bortoni-Ricardo et al (2012, p.41)

A leitura na escola precisa de muita reformulação: é necessário torná-la um objeto, sobretudo, social, um pouco mais livre do tratamento cristalizado, avaliativo e quantitativo dado pela escola.

Portanto, é imprescindível que se tenha uma boa formação no ensino fundamental, para que, o estudante ao ingressar no ensino médio e no ensino superior, sinta-se preparado para o novo nível e não sinta dificuldades ao realizar as leituras propostas nas disciplinas.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS AULAS DE LEITURA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

A observação de aulas ocorreu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, conhecida como Colégio Estadual, situada na cidade de Guarabira, na turma do primeiro ano j no período vespertino,

entre os dias 18 de fevereiro de 2014 ao dia 06 de junho de 2014. Foram observadas 10 horas aulas.

O assunto da primeira aula observada foi sobre leitura. A professora iniciou a aula pedindo para que os alunos abrissem os livros de língua portuguesa em uma determinada página, e que fizessem uma leitura silenciosa do texto que se encontrava na referida página do livro. Após todos terem lido o texto silenciosamente, a docente pediu para que um dos alunos lesse o texto em voz alta para toda a turma. Em seguida, mandou os alunos completarem um exercício referente ao texto. Assim foi a aula de leitura da docente. Ela não promoveu nenhuma discussão sobre o texto para os discentes. Falou apenas que o aluno que respondesse todas as questões da atividade ganharia pontos para a nota.

Podemos observar que no primeiro momento, ela fez uso de uma prática de leitura sem orientação. É importante a intervenção do professor para orientar o aluno no sentido de direcionar os objetivos para a leitura. De acordo com Martins (2006, p.23),

Para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos lingüísticos, (...) prevalece à pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Sabemos que a leitura não se limita apenas à decodificação de símbolos lingüísticos, implica interpretar e compreender os sentidos do texto. É fundamental que os alunos elaborem sentidos para o texto, e que leiam por prazer e não por obrigação. Precisamos de docentes que tenham o compromisso com a leitura, que saibam transmitir esse conhecimento.

Para desenvolver a compreensão leitora de seus alunos, a professora utilizou como único recurso o livro didático. O livro didático é um dos instrumentos de pesquisa fundamental para o docente, mas não é o único mecanismo de apoio que o professor deve utilizar. Cabe ao docente saber utilizá-lo de forma adequada. O que podemos observar em relação ao livro didático (LD) é que alguns docentes seguem de forma rigorosa os conteúdos dos livros, muitos dos quais são passíveis de questionamentos.

Na segunda aula observada sobre leitura e produção textual, a professora iniciou a aula perguntando quem tinha feito o Enem (Exame Nacional do Ensino

Médio). Alguns alunos falaram que fizeram. A docente perguntou se eles sentiram dificuldades em fazer a redação. A maioria dos alunos que fez o ENEM, respondeu que sentiu muitas dificuldades na hora de elaborar a produção textual. Em seguida, ela pediu que a turma formasse dupla para fazer uma redação. Ela entregou algumas propostas de produção textual, e pediu para que a turma lesse as propostas de redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), mas nenhum aluno leu. Então, ela teve que ler as propostas, em seguida, pediu para que os alunos produzissem um texto.

A professora ia lendo e explicando para a turma que a produção textual deve ser escrita em uma linguagem formal. Falou que, na redação, o aluno tem que apresentar uma proposta para convencer o leitor. A docente pediu para que as duplas produzissem um texto e falassem suas opiniões sobre a lei seca. Porém, Para iniciar uma aula com produção textual é preciso que o professor explique para a turma a proposta textual, que ele abra um debate sobre o assunto para que seus alunos tenham um conhecimento prévio do tema.

Na aula observada, muitos alunos sentiram dificuldades em produzirem seus textos. Alguns não sabiam do que tratava o tema. Para evitar esse tipo de problema, é preciso que o aluno esteja informado sobre o tema. O aluno não poderá produzir um texto se ele não tem argumentos para escrever, se ele não conhece o assunto. Kleiman (1999) defende que são necessários os conhecimentos prévios para que a atividade de leitura de textos seja feita eficazmente, ou seja, a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização daquilo que o leitor já sabe.

É interessante que os docentes estimulem seus alunos a produzirem para que eles não tenham dificuldades na hora de fazer um texto. Através da produção, o aluno estará exercendo a leitura e escrita. O que podemos observar é que, nas escolas, a leitura é praticada como rápidas leituras de textos. O aluno quase não produz. Ele apenas reproduz o que está no livro didático. Geraldi (1993, p. 135) considera a produção de textos “como ponto de partida de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua [pois] é no texto que a língua se revela em sua totalidade”. A produção textual é uma das atividades que valoriza o papel do sujeito na sociedade, uma vez que é por meio de enunciados escritos que o indivíduo expõe seus argumentos.

Compreendemos que o trabalho com a produção de textos estimula a oralidade e incentiva as mais diferentes leituras. Para enriquecer o ensino da leitura,

é importante que o professor leia com os alunos, compartilhe com eles seus gostos pela leitura, é importante que os alunos leiam o que gostam, pois os estudantes aprendem muito quando gostam do que leem e quando podem trocar ideias sobre o que leram com os colegas e também com o professor. Portanto, reafirmamos que ler e escrever na escola auxilia na preparação para atuar como cidadão crítico na sociedade.

As escolas precisam estimular os seus alunos a produzirem pequenos textos desde as séries iniciais para que o aluno ao chegar ao ensino médio ou até mesmo ao ensino superior não sinta tanta dificuldades para produzir. Sabemos que existe aluno no ensino superior que na hora de produzir ou expor suas ideias perante outras pessoas sentem enormes dificuldades. Para evitar esses tipos de constrangimentos, os docentes devem estimular seus alunos a produzirem cada vez mais cedo.

Nas outras aulas observadas, a docente privilegiou apenas os conteúdos de gramática, utilizando o texto como pretexto para o ensino de outros tópicos, tais como o ensino de gramática. Em relação às aulas de gramática a docente utilizou palavras soltas retiradas de textos trabalhados em sala de aula. Nas aulas observadas, constatou-se que o foco de ensino não era a importância dos benefícios da leitura para os alunos e sim a gramática.

A docente proporcionou aos discentes o estudo de uma gramática totalmente descontextualizada. Sabemos que o ensino da língua é mais eficaz quando o estudo de gramática é contextualizado e quando a escola objetiva “criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem”. (POSSENTI, 1996, p.22). Sendo assim, o que não pode haver nas escolas é o ensino de uma gramática que exclui ao invés de incluir. É fundamental que o texto e a gramática sejam trabalhados juntos no contexto do processo de ensino e aprendizagem.

Um dos fatores importantes observado foi que as aulas de leitura estão baseadas em formas tradicionais, sendo assim não estimulando os discentes as práticas de leituras no seu cotidiano. Sabemos que uma leitura sem orientação não é suficiente para formar um bom leitor. Diante dessas ocorrências, a escola deve preocupar-se em tornar a leitura um ato reflexivo, através do qual o leitor consiga interpretar o que está escrito nas entrelinhas do texto, e seja capaz de interagir com o texto e se descubra como leitor crítico perante suas leituras

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o intuito de problematizar as dificuldades de leitura no primeiro ano do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho. No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, foi possível compreender, a partir do referencial teórico, a importância das práticas de leitura na escola para formação de alunos leitores críticos.

A partir desta pesquisa, foi possível analisar as práticas de leitura na sala de aula do primeiro ano do ensino médio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, podendo-se, perceber o que poderia ser mudado e o que estava contribuindo ou não para a formação desses leitores. Não podemos esquecer que muitos dos problemas enfrentados no início da escolarização acabam se perpetuando até o final do ensino médio. Por isso, pressupomos que desde os anos iniciais, a Língua Portuguesa deve ser ensinada de forma contextualizada para que o aluno não se sinta constrangido na hora de ler um texto.

A leitura é essencial em todos os aspectos de nossas vidas. Através da mesma podemos dialogar sobre diversos assuntos, como leitores críticos com argumentações construtivas e convincentes, além de nos tornar cientes do mundo que nos cerca. Sabemos que quanto mais se lê, mais se aprende, e isto faz com que novos horizontes se abram. Por isso, os alunos devem ter acesso aos mais diversificados tipos de texto.

O ensino da leitura é o veículo básico e essencial para a inserção do indivíduo no universo letrado e por isso deve se desenvolver por meio da interação prazerosa do leitor com o texto. O hábito da leitura vem pela prática, pois é uma atividade essencial para qualquer área de conhecimento, tendo a escola um papel principal de ensinar e incentivar a leitura. É importante que os alunos despertem o interesse pela leitura e que esta venha contribuir de forma valiosa e enriquecedora para a construção do seu conhecimento, possibilitando assim, um ótimo desenvolvimento em sua aprendizagem.

Esta pesquisa nos leva a fazer uma reflexão sobre o papel da leitura no nosso cotidiano e como o professor deve incentivar os seus alunos a não se intimidarem com fracassos e estimulá-los a ter segurança para agir de forma crítica.

Espera-se que este artigo venha contribuir para que os futuros docentes não utilizem a leitura como um pretexto para o ensino da gramática descontextualizada.

Precisamos formar leitores críticos, que sejam capazes de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, e que sejam capazes de produzir textos eficazes nas mais variadas situações, não só na escola, mas também na sociedade em que estão inseridos. Sabemos que um leitor competente é aquele que compreende o que lê que é capaz de compreender até mesmo o que não está escrito.

Muitas vezes, os alunos não gostam de ler, por não entenderem os textos trabalhados pelos docentes, e o que não se entende, não é interessante de ser explorado. É preciso que a sala de aula se transforme em um ambiente de leitura onde seja estimulada a exploração de vários sentidos dos textos de forma que o aluno faça uma leitura prazerosa e significativa. As escolas devem desenvolver atividades para que os seus alunos criem e fortaleçam a capacidade de produzir e interpretar textos. Devemos motivar os alunos para que vislumbrem as diversas e diferentes razões para lermos.

TEACHING READING AND WRITING: CHALLENGES AND POSSIBILITIES

ABSTRACT

The teaching of reading is the basic vehicle and essential for the functioning of any individual in the literate world and so must develop through pleasant interaction of the reader with the text. This article has as main objective to understand how the teaching of reading can assist in the formation of critical thinking, reflect on the practices of reading among students of the first year of high school. For this, it was observed ten o'clock classes in reading, during the internship period of supervised II, held at the State School of Elementary and Secondary Education teacher José Soares de Carvalho, in the city of Guarabira. We base our study on the theories and research Kleiman (1999), Koch (2012), Antunes (2003), Martins (2006), among others. The methodology used in the survey consists of classroom observation to collect the corpus and critical analysis of the lessons observed. Through this research I could see totally mechanical reading practices that do not encourage the student to be a reflective and critical reader. This article leads us to reflect on the role of reading in our daily lives and how the teacher can encourage their students to the reading habit.

Key words: Reading 1.Education 2.Supervised internship 3.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.) *et al.*: **Leitura e mediação pedagógica**: São Paulo: Parábola, 2012.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2001.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3ª ed. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

_____, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção primeiros passos.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar Gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

SOUZA, Ana Lúcia Silva; CORTI, Ana Paula; MENDONÇA, Márcia. **Letramentos no Ensino Médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.